

# Imigração chinesa em São Paulo e o seu português falado

## Chinese immigration in São Paulo and their spoken Portuguese

Meng Yin Bi\*

---

**RESUMO:** Com o desenvolvimento da comunicação e da sociedade, os movimentos migratórios estão cada vez mais dinâmicos no mundo. A expansão das políticas de migração faz do Brasil um dos destinos mais populares dos chineses. Neste estudo, apresenta-se aspectos gerais da imigração dos chineses no Brasil, especificamente, São Paulo; as situações de contato vividas pelos chineses com as línguas chinesas e o português falado e, os efeitos comunicativos e gramaticais resultantes dessas situações de contato interativo nas ruas de São Paulo. Para estudar melhor a língua portuguesa falada dos chineses em São Paulo, foi escolhida a forma de entrevista para recolher os dados. Como os imigrantes chineses estão na primeira ou segunda geração, significa que a língua dominante em sua vida ainda é a língua chinesa, no entanto, já está em curso um período de transição de bilinguismo para o monolingüismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português Falado dos Imigrantes Chineses. Aquisição da Língua. Interação Cultural. Línguas em Contato.

---

**ABSTRACT:** With the development of communication and society, migratory movements were becoming increasingly dynamics in the world stage. The expansion of migration policies has made the Brazil one of the most popular destinations for the Chinese. In this Study, it will present the general aspects of Chinese immigration in Brazil, specifically in Sao Paulo; the contact situation experienced by the Chinese with the Chinese language and the spoken Portuguese, communicative and grammatical effects resulting from these interactive situations on the streets of Sao Paulo. To study better the Portuguese language spoken by the Chinese in Sao Paulo, a form of interview was chosen to collect the data. Because the Chinese immigrants are in the first or second generation, it means that the dominant language in their life is still the Chinese language, however it is already underway for a transition period of bilingualism for monolingualism.

**KEYWORDS:** Spoken Portuguese of the Chinese Immigrants. Acquisition of Language. Cultural Interaction. Languages in Contact.

---

### 1. Introdução

Devido à globalização e ao desenvolvimento da sociedade, tem-se a impressão de que o mundo está se tornando cada vez menor. Países, como o Brasil e a China, parecidos quanto à dimensão, a despeito de ficarem em lados opostos do planeta, têm intercambiado um grande fluxo de migrantes.

---

\* Bolsista do CNPq, mestrado no curso de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Esse texto vai discutir várias questões. Em primeiro lugar, apresentam-se as principais teorias sobre migração internacional. As seções seguintes referem-se a uma breve história sobre a imigração chinesa para o Brasil e, na sequência, sobre a situação geral dos imigrantes chineses em São Paulo. Explano que um relevante motivo para os imigrantes chineses fixarem residência em São Paulo, onde há a maior quantidade de imigrantes, é justamente a gama de oportunidades econômicas. Embora a história da imigração para o Brasil tenha completado 200 anos, o grande fluxo da imigração chinesa só começou a partir dos anos 50 do século passado, especialmente depois de lançar a política de reforma e abertura que abriu a porta da China para estrangeiros.

Os chineses que passam a habitar essa cidade possuem um perfil bem delineado: normalmente originam-se de províncias ao sul da China, onde se concentra uma variedade de dialetos considerável, por isso, mesmo que sejam todos chineses, falam língua diferente.

Para os migrantes chineses, os principais problemas são sempre relacionados à língua, porque é ela a única entrada para eles se integram à sociedade brasileira. No entanto, depois de alguns anos, a maioria deles consegue comunicar-se com as pessoas locais no dia-a-dia.

Outra parte deste artigo dedicada aos estudos da língua portuguesa falada pelos chineses. Analisaremos o processo de contato entre a língua chinesa e a língua portuguesa paulistana visando à identificação de efeitos comunicativos e gramaticais decorrentes da interpretação dessas duas línguas em contato interativo em São Paulo.

## **2. Movimentos migratórios e a imigração chinesa para o Brasil**

Movimentos migratórios existiram desde sempre, numa grande variedade de circunstâncias e motivos. Alguns arriscam dizer que a origem desses movimentos é tão antiga na raça humana que já era fato no período correspondente ao *Homo erectus*, e que o mesmo ocorreu com o *Homo sapiens* ao sair da África, através da Euroásia, para o norte do Himalaia.

Hoje em dia, o termo *migração* também é cada vez mais ouvido e estudado. De acordo com uma pesquisa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) realizada entre 1998 e 1999, havia cerca de 120 milhões de pessoas vivendo fora de seus países de origem. Em geral, suas motivações continuam a ser as mesmas de décadas passadas: insegurança material e física, intolerância, exclusão econômica e política, repressão, catástrofes e transtornos diversos, conflitos e guerras.

O fenômeno de migração compreende dois movimentos, o da emigração e o da imigração. Na opinião de Sayad (1998), tratar de imigração pressupõe ter em mente que a imigração subentende uma prévia emigração, ou seja, para uma pessoa tornar-se imigrante terá sido antes, necessariamente, emigrante.

Quando se fala em *imigração*, não pode deixar de explicar a diferença entre “estrangeiro” e “imigrante”. Apesar de ambos os termos terem um sentido de não pertencimento a um grupo de referência determinado, uma diferença é clara entre ambos. Essa diferença reside na intenção ou decisão de permanência ou residência num país estrangeiro. A esse respeito, Lopes (2009, p.35) explana que “o estrangeiro é apenas o outro, o imigrante é aquele que veio para se estabelecer. Trata-se de uma palavra que indica movimento, ação, muito embora a condição de imigrante permaneça após concluído o ato de imigrar.”. Ilustra essa diferença a situação do turista, que não é considerado imigrante, porque está num país estrangeiro apenas de passagem. Segundo Sayad, é preciso refinar essa distinção do seguinte modo:

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até se fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira deixa de ser um estrangeiro comum para tornar-se um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social” [...] . É um “critério social que faz do estrangeiro um imigrante”. (SAYAD, 1998, p.243)

Dessa forma, o imigrante é o estrangeiro que veio para ficar, para utilizar as estruturas sociais e competir no mercado de trabalho do país de destino.

Essa distinção traz em si uma gama de outras problemáticas derivadas de uma aparente simples migração. Os movimentos migratórios constituem-se atividades complexas e controversas que têm tanto origem em fatores sociais e econômicos quanto produzem importante impacto nessas mesmas esferas.

De acordo com Sayad (1998), a expansão econômica surte na sociedade grande demanda de mão-de-obra imigrante e, contrariamente ao que se pensa, a própria sociedade a acolhe de maneira positiva, pois reconhece nesse evento a utilidade econômica e social. Os imigrados instalam-se e convivem num estado de provisoriedade. É justamente esse estado provisório ou esse sentimento de que se é provisório o tempo de permanência ali em que se baseia Sayad para atribuir um caráter dissimulado ao imigrante. É essa sensação de provisoriedade que liberta o imigrante de sua própria verdade:

[...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente, ou ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um imenso sentimento de provisoriedade (SAYAD, 1998, p.45).

É tomando por base essa ideia que Sayad (1998) discute o “paradoxo da imigração”, que prevê dois eventos fictícios: (i) a *ficção do retorno* (porque, depois de um certo tempo, o retorno revela-se, na prática, impossível); e (ii) a *ficção da naturalização* (que nem sempre se satisfaz apenas sob a perspectiva jurídica, uma vez que são também necessárias condições políticas, sociais e culturais para sua realização de forma satisfatória). A frustração de um desses eventos naturalmente conduz à realidade de que o imigrante detém um estatuto sociocultural híbrido.

Próxima a essa ideia estão os argumentos de Lopes (2009), que propõe três ilusões associadas que distorceriam o imaginário social: a ilusão de provisoriedade, de legitimação da presença exclusivamente pelo trabalho e de neutralidade política.

Hoje em dia, podemos perceber que a sociedade moderna não é mais diferenciada somente por classes, mas também por etnia, idade, sexo ou outras formas de segmentação. Nesse sentido, a identidade dos imigrantes na sociedade ganha em relevância porque é um atributo satisfatório que propicia a interação com outras pessoas e grupos de pessoas. Daí Lopes (2009, p.38) afirmar que o imigrante teria uma importante tarefa de construir uma ponte cultural, pois, a partir de sua presença, o povo autóctone poderá entrar em contato com a sua cultura.

A relação entre os estabelecidos e os *outsiders* nos movimentos migratórios também não se demonstra fácil de entender. Há uma divisão clara entre os grupos que integram esse rótulo. Um grupo já estabelecido de longa data considera o de mais recente imigração como pessoas de menor valor humano. Nessa relação, *outsiders* (superiores) encaram com preconceito a presença de imigrantes mais recentes (inferiores).

Ilustra essa atitude o relato contido no estudo de Winston Parva (ELIAS & SCOTSON, 2000), em que moradores mais antigos de uma área consideravam-se humanamente superiores aos residentes de formação mais recente. Esse era motivo suficiente para que tratassem os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”, o que fazia cindir os grupos e o único contato eram as fofocas entre pessoas nas comunidades.

Sayad referenda essa ideia fazendo compreender que uma das razões que contribuem para essa cisão do grupo é também a forma de inserção profissional:

[...] os imigrantes recém-chegados, faixa situada na parte inferior da hierarquia interna da população imigrante (seria ingênuo acreditar que essa população é desprovida de toda hierarquia e de toda diferenciação social), estão mais inclinados a aceitar os trabalhos mais penosos, menos estáveis, menos remunerados etc (SAYAD, 1998, p.64).

De outra perspectiva, pode-se analisar a relação entre a comunidade de origem e de destino. É nítido que os grupos migratórios mudam de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos que apresentem naquele momento uma melhor condição que a oferecida no país de origem, tal como reconhece Sayad (2000, p.48) ao afirmar que “aí está a significação essencial desse duplo fenômeno da emigração (emigração a partir de países “pobre” em trabalho assalariado) e da imigração (imigração para países “pobres” em mão de obra e, portanto, relativamente “ricos” em empregos)”.

Uma outra tipologia sobre migração diz respeito ao modelo defendido por Tilly (1990). Segundo esse autor, é possível categorizar esse movimento em: *migração colonizadora* ilustrada pela migração de portugueses da Europa para o Brasil no século XVI; *migração coagida*, representada por aquele tipo de saída obrigatória, tal como ocorre com os refugiados de guerras; *migração circular*, exemplificada pelo movimento de duas direções por uma mesma massa, tal como ocorre com os imigrantes que voltam ao país de origem depois de um período de atividade no país de destino; *migração corrente*, que envolve indivíduos relacionados que mudam de um lugar para outro depois de assistências e informações oferecidas pelas pessoas no país destino; *migração de trabalho*, ilustrada pelo movimento dos que imigram por melhores condições e oportunidades de emprego ou posições no mercado de trabalho.

Do ponto de vista jurídico geral, a migração ainda pode ser classificada em: legal e ilegal. A imigração legal é aquela que ocorre nos termos da lei do país receptor, e geralmente em prol de seu interesse. Dentro da imigração legal, existem várias categorias de imigrantes. Os mais privilegiados são aqueles que possuem qualificações profissionais desejadas por determinada empresa. Esses são geralmente bem-vindos e bem tratados (LOPES, 2009, p.42). Um estágio intermediário é o da mão-de-obra temporária. Embora sejam imigrantes legais, em muitos casos há a proibição de se mudar de emprego ou de empregador, sob a pena de cassação do visto de permanência ou de trabalho.

Os imigrantes ilegais são os principais alvos de exploração e de exclusão. Existem os imigrantes “clandestinos”, que, segundo Magalhães (2011), são os que entram sem permissão em um dado território; e os ilegais são os que cruzaram a fronteira sem permissão e aguardam que as brechas da lei, tais como tempo de habitação, nascimento de filho ou mesmo o benefício da anistia, lhes concedam permissão para legalizar sua permanência definitiva em dado território. Nessa categoria, poderiam ser incluídos aqueles que entram como turistas ou autorizados para uma determinada espécie de trabalho, mas que, durante esse período, mudam a forma de atuação profissional ou mesmo a área de atuação autorizada. Também se encaixam nesse conjunto os que excedem o período de permissão legal para sua permanência<sup>1</sup>.

Dado que a migração de longa distância implica assumir riscos incontornáveis que afetam a segurança individual, o conforto, o rendimento e as relações sociais possíveis (TILLY, 1990), a rede<sup>2</sup> é considerada uma saída suficiente para minimizar esses efeitos nocivos.

Há várias abordagens teóricas que explicam movimentos migratórios com base no estabelecimento da rede. Todas, contudo, consideram que a rede fornece informações relevantes para minimizar riscos. Por isso, a maioria dos migrantes de longa distância, em qualquer lugar do mundo, busca as principais informações para tomar a decisão de migração através dos membros da sua rede interpessoal. É essa rede que será responsável por assistir o migrante em suas ações de mudança ou mesmo de assentamento no país de destino. Não é incomum que as redes ofereçam outros tipos de assistências, tais como apresentar oportunidades de empregos.

As redes podem criar categorias novas de auxílio mútuo, mas isso depende do tamanho, da densidade e das relações com outros grupos da rede. Por outro lado, a rede atua na transformação das categorias existentes através da religiosidade, do nacionalismo e das políticas. Apesar de consubstanciar a solidariedade, as redes podem, contraditoriamente, causar conflitos étnicos e esses conflitos surgem da interação com outros grupos, especialmente inimigos e competidores.

A rede também causa uma certa forma de desigualdade. Os membros do grupo de imigração exploram os recém-chegados, porque estes mostram-se numa situação fragilizada e

---

<sup>1</sup> Essa diferenciação por vezes é tão complexa que, a fim de evitar uma confusão indesejável ou mesmo algum equívoco no uso dessa nomenclatura, surge o termo indocumentados.

<sup>2</sup> Rede é um conceito que se aplica a qualquer movimento migratório, quando se tem no local de destino amigos, ex-vizinhos ou colegas que já tenham estabelecido boas relações com o destino.

aqueles não têm a coragem de explorar os nativos. Também por essa razão a inclusão pode constituir em exclusão. É o que defende Tilly (1990, p.92).

### 3. Migrações Internacionais no caso do Brasil

Os movimentos migratórios contribuem para a formação e composição de uma população. Foi o que ocorreu no passado com o Brasil e o que tem ocorrido a todo o tempo na constituição do povo brasileiro.

Podemos observar que a imigração no Brasil deixou marcas fortes em sua demografia, cultura e economia. Os portugueses foram os primeiros imigrantes a chegar ao Brasil, por volta de 1550, num contexto de colonização. Logo depois, iniciou-se o tráfico de escravos.

A partir da segunda metade do século XIX, uma grande corrente de imigrantes europeus chegou ao Brasil, devido à implantação da cultura do café e à consequente necessidade de mão-de-obra para sua lavoura. Uma mudança na forma de migração é reconhecida com isso, conforme argumentam Patarra e Baeninger (1995, p. 79): “Desde modo, passou-se de um tipo de movimento migratório, ou seja, a imigração africana forçada, característico de determinada etapa do desenvolvimento econômico para a migração da força-de-trabalho livre de origem europeia”.

Em 1875, o Rio Grande do Sul iniciou uma política de financiamento da imigração internacional e, por volta de 1886, o governo do Estado de São Paulo, que se beneficiou da cultura do café, também passou a subsidiar migrantes europeus, particularmente italianos.

Os anos 50 encerraram o período de vocação receptora da história brasileira, o período pós-1964 marcou a redução no número de imigrantes que entraram no Brasil. “Com a imigração estrangeira diminuindo progressivamente a partir de 1930, as próximas etapas da economia brasileira contariam com a participação das migrações internas para suprir a necessidade de mão-de-obra.” (PATARRA, BAENINGER, 1995, p.80).

Como país em desenvolvimento, o Brasil enfrentou tanto a imigração de estrangeiros oriundos de países mais pobres quanto a emigração de brasileiros para países mais ricos, principalmente para os Estados Unidos e para o Japão.

Segundo Sales (1995), houve um surto de emigração de brasileiros durante os anos mais repressivos dos governos militares, período que pode ser caracterizado como ilustrativo da migração de refugiados, porém em pequeno número. A partir da crise dos anos 80, cada

vez mais brasileiros deixaram o país à procura de vida melhor em países estrangeiros. Começou a fuga da assim chamada “década perdida” :

A chamada década perdida foi na verdade muito mais do que uma época de recessão econômica. Nela a sociedade brasileira se mobilizou e criou esperanças. O país se redemocratizou, segmentos da sociedade se organizaram politicamente, partidos e movimentos sociais foram criados, o povo foi às ruas para exigir eleições diretas para presidente, voltamos a exercer o direito do voto para eleger o presidente do Brasil. A inflação, o desemprego e a recessão não vieram sozinhos, mas junto com muitas perspectivas promissoras e até o vislumbre de saídas com o Plano Cruzado ou com as promessas políticas que se renovavam a cada eleição e a cada fator de mobilização popular. O fator político teve portanto um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se se consideram as esperanças e frustrações dos primeiros anos de nossa redemocratização (SALES, 1995, p. 129).

Os dados divulgados sobre a emigração da população brasileira para outros países são muito imprecisos. De acordo com o censo do ano 2000, um montante em torno de 1% da população brasileira emigrou para outros países (CARVALHO, 1996; Ministério das Relações Exteriores, *apud* PATARRA, 1996). Pelos dados do Ministério das Relações Exteriores, essa população tem se direcionado em maior proporção para os Estados Unidos (38%), seguido do Paraguai (30%), Japão (13%) e de vários países da Europa, os quais no conjunto representam cerca de 11%.

A segunda metade dos anos 80 representou o período em que se desencadeiam os fluxos da emigração brasileira em direção a outros países estrangeiros. Quem emigra do Brasil para outros países não é da faixa mais pobre, mas da classe médio-baixa, que possui algum recurso e o aplica com vistas a escapar da força avassaladora do buraco-negro da miséria (LOPES, 2009, p.44).

Nessas massas migratórias, sempre houve a presença de grupos considerados ‘invisíveis’ para a sociedade receptora. No Brasil, não é discreta a distinção entre espanhóis e galegos, mesmo quando a Galícia não se considerava parte da Espanha. Os traços e o falar não permitiam essa distinção clara. Também não é incomum que não se faça a distinção entre chineses, coreanos e japoneses. Os traços orientais comuns opacizam as diferenças culturais e mesmo as motivações das migrações. Um grupo altamente invisível, mas cada vez mais presente na sociedade brasileira, é o composto por chineses. Sobre esse grupo migratório será dedicada a próxima seção deste trabalho.

#### 4. História da imigração chinesa no Brasil

A Ásia desde sempre foi palco de movimentos dinâmicos em imigração. Um terço ou mais de todos os imigrantes internacionais provieram desse Continente. A China também permite um paralelo nessa questão. Os destinos mais populares de imigração dos chineses são os países no Sudeste Asiático, tais como Malásia, Indonésia, Cingapura, dentre outros.

O Brasil tem atualmente, de acordo com a estimativa da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China e com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), aproximadamente 150.000 chineses. Esse índice de crescimento, no entanto, está se acelerando de forma muito rápida.

Neste ano de 2012, a imigração chinesa no Brasil completou 200 anos. Conforme informações contidas em documentos históricos, o primeiro grupo de centenas de chineses trazidos para o Brasil migrou em 1812, por ordem de D. João VI, destinados à plantação de chá no plantio do Jardim Botânico e da Fazenda Imperial de Santa Cruz do Rio de Janeiro. Como no resto do mundo, no Brasil, a origem principal dos chineses imigrantes é das províncias litorais no sul da China, tais como Guangdong (Cantão), Fujian, etc., locais de clima semelhante ao do sudeste do Brasil.

Devido à política do abandono de tráfico de escravos, novas alternativas como mão-de-obra foram surgindo. É o caso dos *coolies*, termo de origem indiana, indicativo de raça inferior, significando *labor duro* em chinês.

Os *coolies* chineses foram uma substituição dos escravos, por receberem baixos salários e aceitarem trabalhar de forma árdua em tarefas pesadas. No entanto, nos anos 70 do século XIX, surgiu um sentimento antichinês, motivado, primeiramente pelo que representavam os *coolies*, ou seja, um novo sistema de escravidão; também essa rejeição se deveu ao choque entre as culturas ocidental e oriental. Posteriormente em 1881, o Brasil assinou um tratado amplo de “amizade, comércio e navegação” com a China, redundando na proibição da contratação de *coolies* chineses.

Em 1890, o recém-formado governo republicano brasileiro promulgou o decreto nº 528, a fim de regularizar a entrada e localização dos imigrantes no Brasil. No entanto, em 1892, a outra lei de número 97 foi aprovada que permitiu a entrada dos imigrantes chineses e japoneses no Brasil. Ainda assim, havia dificuldades para a imigração de não brancos, principalmente para os negros e asiáticos. Os imigrantes chineses passaram a trabalhar como vendedores ambulantes, cozinheiros ou pastelereiros.

Muitos foram os chineses que se tornaram pasteleiros justamente porque este era um tipo de comércio que exigia pouco capital e permitia ao vendedor trabalhar sozinho. Constituiu-se, na verdade, um trabalho relativamente fácil para os que não tinham muito dinheiro e nem falavam bem a língua portuguesa.

Embora o Rio de Janeiro fosse a porta de entrada para os primeiros imigrantes chineses, a cidade de São Paulo foi o lugar da primeira entrada oficial de chineses. Em 15 de agosto de 1890, chegou um grupo chinês com trabalho confirmado e objetivo de ficar por longo prazo. O número de chineses, contudo, foi muito pequeno, comparando-se com os outros grupos imigrantes italianos, alemães ou japoneses.

A imigração de grande fluxo começou somente depois de 1949. Durante 1949 e 1950, como ainda não terminara a guerra civil entre os partidos comunista e nacionalista, a livre chegada a Hong Kong era fato corriqueiro. Se os chineses migrassem para o Brasil a partir de Hong Kong, tudo se tornava mais fácil. A explicação para isso é que, sendo Hong Kong colônia da Inglaterra naquele período, um visto brasileiro seria facilitado pelas relações entre Brasil e Inglaterra.

Anos mais tarde, em 1974, a China estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. Esse acordo favoreceu a saída de um grande número de chineses para o Brasil. Depois de fundar a Nova China pelo Partido Comunista, entre 1951 e 1974, o governo passou a controlar todas as entradas e saídas nas fronteiras de forma muito rigorosa. Somente os passageiros com passaporte na mão podiam entrar em Hong Kong. Concomitantemente, o “temor vermelho” manifestou-se naquela época, isto é, quem tinha parentes fora ou tentava emigrar passava a ser alvo de perseguição política dos radicais. Essas ações fizeram com que o número de imigrantes chineses para o Brasil também caísse relativamente.

A nova era da China começou em 1976, por causa da política de reforma e de abertura. Outra vez os direitos de sair e de entrar no país foram respeitados, e muitos viajaram para buscar de novas oportunidades de trabalho, de aprender novos conhecimentos e de se reunir com os parentes no estrangeiro. Depois da abertura, a economia da China cresceu com um ritmo cada vez mais acelerado. Todos os setores das indústrias passaram a se desenvolver cada vez mais.

No outro lado do mundo, o Brasil também abriu as suas portas para o estrangeiro, principalmente no setor do comércio exterior. Esse fato tornou o Brasil mais atrativo para imigração. Da parte dos chineses, fugir do regime comunista para um país mais livre e buscar

as oportunidades nos mercados foram os dois motivos principais da imigração chinesa ao Brasil nessa época.

Nos anos 1970 e 1980, uma grande parte dos chineses em atividade no Brasil veio por Foz do Iguaçu, no Paraná, atravessando pela fronteira do Paraguai, onde era mais fácil para entrar, já que não havia uma alfândega para verificar os documentos dos imigrantes. Essa, aliás, tem sido uma das características dessa fronteira: uma estação de transferência para os que querem entrar no Brasil.

Um grande número de imigrantes chegou de forma ilegal, mas nos anos 1998 e 2008, houve, no Brasil, um processo de anistia. Muitos imigrantes, então, sem documentos ou com visto inválido conseguiram uma identidade legal. Não é somente essa forma que tem se prestado a regularizar os ilegais no Brasil. Outra forma comum de se conseguir identidade desde sempre é ter filhos no Brasil, pois, segundo a política brasileira, quando um filho nasce dentro do território brasileiro, ele tem direito à nacionalidade brasileira, e por extensão, os pais podem tirar visto permanente no país. Por isso muitos imigrantes chineses ilegais vieram em casal e, depois de ter filho no país, tornaram-se cidadãos legalizados.

Atualmente, de acordo com os dados lançados pela Embaixada da China no Brasil, há as seguintes representações no Brasil: a Embaixada da República Popular da China, em Brasília, e os Consulados da China em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quanto às representações brasileiras na China, há a Embaixada da República Federativa do Brasil, em Pequim, e os Consulados do Brasil em Shanghai, Guangzhou e Hong Kong. Além desses, há o Gabinete do Comércio do Brasil em Taiwan. Todos eles facilitam a imigração chinesa para o Brasil.

## **5. Situação dos imigrantes chineses em São Paulo**

Desde século XIX, São Paulo tem sido um destino de imigração dos estrangeiros. Com o rápido crescimento da economia cafeeira, que gerou capital para subsidiar a imigração estrangeira, e seus outros desdobramentos (a expansão da rede ferroviária, industrialização e urbanização), aliados às importantes reformas institucionais e políticas (como a abolição da escravidão e o estabelecimento de um regime republicano descentralizado), criaram-se condições importantes para a imigração em grande escala (BASSANEZI, 1995).

Um grande motivo para os imigrantes chineses fixarem residência no Brasil, especialmente em São Paulo foram e têm sido as oportunidades econômicas. De acordo com a

Teoria Microeconômica Neoclássica (TODARO, 1969), os indivíduos são seres racionais, capazes de ordenar hierarquicamente suas preferências e de realizar cálculos racionais relacionados a alternativas, visando a maximizar a utilidade de suas escolhas.

Aplicando-se esse conceito à imigração chinesa para o Brasil, é possível reconhecer que eles tenham antevisto e calculado os custos e benefícios que os levariam a ter uma expectativa de retorno positivo. Os critérios que compõem essa fórmula para a inclinação dos movimentos migratórios não são apenas as diferenças salariais entre duas regiões, mas, principalmente, as diferenças nas taxas de emprego.

Considerando que a cidade São Paulo é a maior cidade do Brasil, até mesmo da América Latina, e também é centro financeiro, corporativo e mercantil da América do Sul, por isso é suficiente para atrair essa imigração. Ao mesmo tempo, São Paulo é a cidade brasileira mais influente no cenário global. Se não bastassem essas peculiaridades, ainda há o fato de São Paulo possuir o sistema de transporte mais avançado do país, com uma rede de metrô e trem espalhada por grandes regiões de seu território, o que torna a vida nessa cidade mais eficaz e conveniente.

É preciso salientar que, na cultura chinesa, a família é uma das instituições mais tradicionais e mais fortes. Para muitos imigrantes chineses, a ideia de reunir-se com a família está sempre em mente. Muitos vieram sozinhos, mas, depois de alguns anos e muito trabalho, conseguiram trazer a família para junto de si. Nenhum chinês deixa um irmão ou primo desamparado, particularmente em um país estrangeiro.

Essa cultura é ainda mais forte entre os comerciantes chineses, porque uma família grande na China significa a prosperidade. Por isso, os imigrantes chineses em São Paulo, quando identificam um campo de oportunidades, ou melhor condição de vida, logo convidam outros parentes, amigos da China ou de outros países, tais como Itália ou França, onde também há uma grande quantidade de imigrantes chineses, para atuarem juntos aos negócios no Brasil.

Os recém-chegados normalmente começam a trabalhar como empregados em restaurantes, pensões ou pastelarias de parentes e amigos e, após juntarem dinheiro ou pegarem empréstimos, montam os próprios negócios. As redes familiares ou fraternais chinesas são importantes nessa ajuda mútua.

O campo de atuação dos chineses hoje é tão marcado na cidade de São Paulo que, se houver referência a essa comunidade, é comum que venha à primeira lembrança um lugar

atualmente típico de comércio chinês: a Rua 25 de março. Essa rua é considerada um lugar caótico e perigoso devido à circulação intensa de pessoas, o que propicia furtos e violência, mas convivem nesse cenário muitos chineses que vendem vários tipos de produtos, principalmente eletrônicos e domésticos de pequeno porte. Também os chineses criaram rótulos para os compatriotas que ali atuam. O termo *Tibao* literalmente significa carregar mala, indicando os vendedores ambulantes ou sacoleiros ambulantes. É uma forma inicial de muitos imigrantes chineses iniciarem seus negócios em São Paulo.

Como há um incremento do comércio entre os dois países, e os produtos chineses têm um preço muito competitivo comparado aos produtos brasileiros, devido ao baixo custo da mão-de-obra na China, então muitos chineses que estão em São Paulo progredem e se aproveitam disso. Trabalham com importação dos produtos chineses baratos para o Brasil e algumas vezes, de forma ilícita, fazem fortuna.

Diferentemente dos japoneses que inicialmente se concentraram no bairro da Liberdade, os chineses em São Paulo não têm um bairro próprio. Uma grande parte, contudo, concentrou moradia no centro, em bairros, como a Liberdade e o Brás, mas alguns também fizeram sua moradia às proximidades do novo centro, nos arredores da Av. Paulista, locais mais próximos do ambiente de trabalho.

Abandonando o estigma consolidado entre os brasileiros de que os chineses coincidem com a ideia e o movimento da Rua 25 de Março, é claramente perceptível a presença de imigrantes chineses em vários restaurantes, centros e cursos de língua chinesa, de artes marciais e de acupuntura. Um exemplo óbvio é que, em quase todos os bairros, podemos encontrar restaurantes chineses, e o nível dos restaurantes também é cada vez mais elevado, e a comida chinesa está ficando conhecida pelas pessoas locais também.

Além disso, hoje em dia, como a relação entre a China e o Brasil está cada vez mais estreita, vieram cada vez mais empresas chinesas ao Brasil. De acordo com os dados divulgados pelo site do Consulado da China em São Paulo, até final do ano passado, instalaram-se 14 gabinetes ou empresas filiais das empresas estatais chinesas em São Paulo, principalmente na região de Vila Olímpia, Berrini, bairros de comércio. Por isso, uma quantidade grande dos chineses que receberam boa educação veio para São Paulo para trabalhar.

## 6. A língua dos imigrantes chineses

A língua chinesa apresenta grande variedade de dialetos, entre os quais podem ser considerados os principais:

- a) Mandarim, considerado o idioma oficial, também é chamado chinês padrão, que é baseado no dialeto específico falado em Pequim. O mandarim padrão funciona como a língua oral oficial da China;
- b) Cantonês, falado em Hong Kong, Macau e na província de Cantão; e
- c) Min Nan Hua, falado em Taiwan e na província de Fujian.

Devido à ampla distribuição geográfica e diversidade cultural de seus falantes, entre os chineses existem fortes traços de identidade regional, centrados em cada um dos dialetos individuais. Como em todas as outras línguas do chinês, existem diversas controvérsias sobre o estatuto do mandarim, a principal é se deveria ser considerado como dialeto. Neste trabalho, assumiremos que dialetos e línguas chineses apresentam estatuto semelhante. Embora os chineses refiram-se a essas línguas como dialetos, têm consciência de que refletem a diversidade linguística daquele país e que o mandarim é uma solução unificadora adotada. Portanto, todas são línguas de comunicação igualmente.

Os imigrantes chineses normalmente têm origem nas províncias que ficam ao sul da China, onde coexiste uma grande variedade de dialetos. Muitos que saíram antes de 1955, quando ainda não se havia unificado a pronúncia da língua chinesa, falam somente os seus próprios dialetos, por isso mesmo entre os imigrantes chineses, provavelmente, não é possível um entendimento mútuo já que a pronúncia é bem diferente. Normalmente, neste caso, os que falam a mesma língua moram juntos.

De acordo com cada situação (dependendo do interlocutor), eles escolhem o uso de uma determinada forma de comunicação: o padrão mandarim ou as línguas regionais (ou dialetos). Devido à diversidade de dialetos na língua chinesa, a situação é um tanto complexa para a compreensão entre os usuários da língua no Brasil. A esse respeito, David Jye Yuan Shyu esclarece a situação de cada língua/dialeto através dos seguintes itens:

- a) Pode-se afirmar que 100% dos migrantes cantoneses de primeira geração falam principalmente o cantonês; eles usam normalmente o português. Ou seja, exceto em situações onde se comunicam com os próprios cantoneses, eles usam o pidgin chinês ou português.

- b) Imigrantes da Região Min Nan de primeira geração, com exceção de pessoas de mais idade, falam o chinês padrão; eles usam tanto o dialeto de Min Nan como o padrão mandarim entre familiares e amigos. Uma situação interessante corre entre casais que falam o dialeto, pois falam o mandarim com os filhos e outras pessoas que não sejam da mesma origem, embora mantenham o dialeto para se comunicar entre si. É, portanto, muito comum encontrar casos de code-switching entre o chinês padrão e os dialetos.
- c) Os Hakka em geral conservam firmemente o uso de seu dialeto na família, usando o mandarim somente com pessoas de outras origens provinciais. Existem também muitos Hakka que falam o dialeto Min Nan com pessoas dessa origem.
- d) Imigrantes naturais de Shanghai ou Zhejiang, com exceção dos que se casam com pessoas de outras províncias, falam basicamente o dialeto de sua região de origem, usando o mandarim apenas com pessoas de outras províncias.
- e) Alguns imigrantes de primeira geração, que vieram ao Brasil há mais de trinta ou quarenta anos, usam principalmente o português em suas famílias, mas, quando em contato com outros chineses, falam o mandarim ou algum dialeto, tais como cantonês, dialeto de Min Nan.

Para os imigrantes chineses mais antigos que moram no Brasil, os principais problemas enfrentados foram relativos à dificuldade em aprender o idioma local e, conseqüentemente, conseguir um emprego.

O idioma é sempre uma barreira importante para os chineses. No entanto, não quer dizer que os chineses não interajam com os brasileiros. Pelo contrário, como a maior parte faz negócios, é obrigatório comunicar-se com os clientes brasileiros, mesmo que não falem fluentemente a língua. Depois de alguns anos no Brasil, eles não manifestam grandes problemas em comunicar-se no dia-a-dia.

Normalmente os chineses prestam alta atenção na educação dos filhos, e muitos adolescentes chineses constituem-se bons exemplos de dedicação. Há boas teorias para explicar esse fenômeno que faz os filhos de imigrantes orientais de primeira geração se esforçarem mais para se firmar na terra de adoção. No entanto, para muitos chineses, a língua mais importante é sempre o chinês, mesmo que estejam em terras brasileiras.

Essa é a razão por que um fenômeno típico entre os chineses continue se manifestando, qual seja, os pais enviarem os filhos à China para receber educação primária ou até secundária. Esses pais esperam que seus filhos não se esqueçam da língua chinesa, e pelo menos dominem o chinês básico. O que move esses pais é a preocupação com a mudança da identidade dos filhos devido à ausência da língua materna familiar.

Segundo os estudos de Fishman sobre as etapas de transição para um estado monolíngue, essa transição se dá dentro em três gerações (1966,1988): a primeira geração fala a língua de origem em casa e aprende a língua do destino para se comunicar nos trabalhos; a segunda geração aprende a língua do destino e aprende a língua de origem familiar para continuar a se comunicar com os pais; no entanto, a terceira geração não usa mais a língua de origem.

Também há quatro etapas que o bilinguismo segue para o monolinguismo, sendo este, no caso investigado, o do português do Brasil. Etapa 1: o português é aprendido através da língua nativa dos estrangeiros, com uso restrito a alguns domínios em que a língua nativa não pode ser utilizada; etapa 2: os imigrantes começam a usar ou a língua nativa ou o português entre eles mesmos e em vários domínios. Inicia-se o processo de integração; etapa 3: a língua nativa ou o português são usados na maioria dos domínios; etapa 4: o português substitui a língua nativa em todos os domínios, exceção feita unicamente aos domínios mais locais e particulares, por exemplo, no convívio familiar com parentes ou amigos estrangeiros. (TARALLO e ALKMIN, 1987, p.67).

Como nestes últimos anos, tem começado uma expansão da imigração chinesa ao Brasil, a maioria dos imigrantes chineses em São Paulo é da primeira ou segunda geração. Isso significa que a língua chinesa - quer mandarim, quer qualquer um de seus dialetos – ainda é uma língua dominante na vida deles. Durante nosso trabalho de campo, por exemplo, visitamos várias casas de imigrantes chineses de primeira geração em São Paulo. Quase todos instalaram algum produto de tevê por satélite para ter acesso aos canais chineses, e só assistem a novelas chinesas ou até mesmo a coreanas, sendo que as coreanas e americanas conservam legenda em chinês. Raramente eles assistem a programa brasileiro, só com alguns propósitos específicos, tais como para aprender a língua portuguesa ou criar um ambiente de uso do português para os filhos. Por outro lado, cada vez mais, jovens chineses falam fluentemente o português.

## 7. Aspectos metodológicos

Para o estudo da língua portuguesa falada pelos chineses na cidade de São Paulo, escolheu-se o formato de entrevista com gravação. A justificativa para a escolha desse formato deve-se a que a entrevista não é somente um simples diálogo, mas, sim, uma discussão orientada para um objetivo definido, que através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa.

O perfil dos entrevistados desenha-se da seguinte maneira: são imigrantes chineses em São Paulo, que moram há mais de 3 anos na cidade, possuindo idades de 20 até 50 anos. Todos eles aprenderam a falar língua portuguesa no Brasil. Uma grande parte imigrou com a sua família, ou já tinha parentes habitando a cidade. Também alguns se casaram com brasileiros e decidiram vir morar no Brasil. Todos os eles receberam educação superior, quer na China, quer no Brasil, alguns mais novos ainda estão fazendo faculdade.

As entrevistas foram feitas em vários lugares, tais como sala de aula, nos restaurantes, nos lanchonetes, na casa dos informantes e nos escritórios onde eles trabalham. O tempo geral de entrevista gira em torno de 15 até 20 minutos. As perguntas foram planejadas para cobrir os seguintes tópicos: chegada ao Brasil e ambiente de chegada, adaptação e rotina diária no início da experiência de imigração, informação sobre a aprendizagem da língua portuguesa do Brasil.

Recolhemos no total de 15 entrevistas, uma das quais teve como entrevistador um professor universitário carioca com vasta experiência na interculturalidade Brasil-China. As demais foram realizadas pela pesquisadora, que é chinesa de origem e falante do português e do mandarim.

A entrevista realizada pelo professor carioca teve como informante uma chinesa com idade entre 20 e 30 anos. Quinze outras entrevistas foram realizadas com chinesas (nove entrevistas) e com chineses (seis entrevistas). Quanto à faixa etária, oito informantes estão incluídos na faixa dos 20 aos 29 anos (5 chinesas e 3 chineses); quatro estão na faixa dos 30 aos 40 anos (2 chinesas e 2 chineses); e três entrevistados inserem-se na faixa que vai dos 41 ou mais (duas chinesas e um chinês).

Para lidar com essas entrevistas, dividimos os informantes por nível de produção linguística com base na Grade de Avaliação de Interação Face a Face do CELPE-BRAS (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros). Os critérios adotados

nesses tipos de exame são: compreensão, fluência, adequação lexical, adequação gramatical e pronúncia. Esses critérios permitiram distribuir os entrevistados em 5 níveis, de nível 1 (baixa fluência) até o nível 5 (alta fluência).

## 8. Análise dos dados

No início da abordagem, como os informantes são amigos da pesquisadora, é mais fácil para eles aceitarem o pedido de entrevista da pesquisadora, porque normalmente os chineses não costumam falar com os desconhecidos, especialmente em uma língua estrangeira. E os homens são mais hesitantes em aceitar a entrevista em outra língua.

A maioria dos informantes emitiu juízo de valor sobre sua fluência em língua portuguesa: consideravam que sua fala não era “boa”. Os mais velhos tentaram se esquivar e não participar da entrevista, no entanto, os jovens com idade entre 20 e 30 anos aceitaram mais facilmente gravar as entrevistas em português. Os mais velhos apresentaram menor confiança ao se comunicar em português e demonstraram não estar acostumados a falar português com chineses. Entre as entrevistas realizadas, as femininas geralmente demonstraram maior proficiência na pronúncia do que os masculinos. Uma prática comum entre os chineses é usar o tom e volume de voz para trocar o código. Assim, quando esses informantes falavam em língua portuguesa, naturalmente diminuía o volume da voz comparativamente aos trechos em que falavam chinês. Talvez esse seja um correlato interessante para descrever a insegurança sobre o domínio da língua estrangeira.

Como a língua chinesa é uma língua monossílaba, na gramática chinesa, não existem artigos, nem plural e tampouco conjugação do verbo, por isso, é bem comum encontrar nas entrevistas alguma confusão nesses usos. Por exemplo:

Kevin: Porque 8 anos atrás, é bem diferente.

Kevin: quando eu cheguei no Brasil, não teve amigos.

Tian: Na verdade, antes de eu vim, a minha mãe já está no Brasil.

Tian: Naquela época de 16 anos, a grande parte do meu tempo usa para estudos.

Podemos observar que na falada do primeiro exemplo de Kevin e no terceiro e quarto exemplos de Tian, eles usaram os verbos em tempo presente para descrever uma situação que aconteceu no passado. E no segundo exemplo dele, a flexão verbal não corresponde o sujeito.

Outra característica nas falas dos imigrantes é que eles usam mais frases curtas e simples, normalmente não usam conjunção. Observe-se a ilustração a seguir:

Kevin: quando eu cheguei no Brasil, não teve amigos. Eu não conhecia ninguém. Até um dia vem um amigo conhecido do meu pai, ele me levou para a igreja. E aí, eu comecei a conhecer monte de pessoas, assim. No início, não tinha, assim, essa, como eu falo, se você vai acreditar ou não acreditar, naquela época, era tanto faz. Aí, o pastor força, acreditar, acredita, acredite. Você tem que ter uma coração de Jesus, uma coisa assim.

Neste parágrafo, podemos ver que o entrevistado conseguiu relatar ou descrever sem dificuldade uma situação, a estrutura básica das frases é sempre sujeito, verbo e objeto, e normalmente as frases são mais dispersas.

Na língua chinesa, por não haver conjugação dos verbos, em cada frase é necessário dizer o sujeito; no caso de português é diferente, a terminação verbal já traz a indicação número-pessoal, que marca o sujeito, portanto os pronomes sujeito podem ser elididos. Quando nas falas dos brasileiros, sujeitos podem ser omitidos, os chineses preferem colocar o sujeito no início das frases, tal como ocorre nas línguas chinesas.

Nas falas de vários entrevistados, aparecem várias vezes a palavra “Assim”, que continua mais ou menos preso a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo em que se liga à enunciação numa função modalizadora, sinalizando hesitação ou dúvida do falante.

Ding: Ela veio primeiro com os amigos delas assim, para viajar e também é ver a oportunidade de comércio assim. E daí ela gostou aqui e viu bastantes oportunidades para desenvolver aqui no Brasil.

Tian: Não é necessariamente todos os chineses são assim, eu particularmente não gosto muito. Mas tem gente que gosta também.

Kevin: E aí, eu comecei a conhecer monte de pessoas, assim. No início, não tinha, assim, essa, como eu falo, se você vai acreditar ou não acreditar, naquela época, era tanto faz. Aí, o pastor força, acreditar, acredita, acredite. Você tem que ter uma coração de Jesus, uma coisa assim.

Sha: Aí para eles, tipo meio velho assim, mas a segunda vez, eles gostaram bastantes da comida.

Os sentidos principais de “assim” são *deste modo*, *desta forma*, ou *igual a*, *semelhante a*, *do mesmo porto ou tamanho*. Os entrevistados, especialmente os jovens, também pegaram alguns discursivos para expressão como “cara”, “nossa”.

Na análise da língua falada pelos imigrantes, prestei atenção também nos marcadores discursivos, pois é objetivo precípuo compreender se haveria uma correlação entre graus de fluência e uso desses marcadores.

Através das análises das gravações, notamos que todos os informantes, desde os níveis menos fluentes, o marcador mais nitidamente internacional *né*, que se refere a *não é*, de função tão necessária a alguém com pouca fluência, que é de assegurar o falante de que o interlocutor o está compreendendo e acompanhando o desenvolvimento do raciocínio. Esse fato pode ser ilustrado por um trecho da entrevista de nível 1:

Porque isso não é faculdade, não é Zhuanye (especialização), **né?**

Nota-se o emprego da partícula *né* depois de uma palavra chinesa que evidencia, aliás, que essa informante não sabe o termo correspondente em português.

Esse preenchimento discursivo revela-se presentes na língua de contato desde muito cedo, que é tão logo os falantes saíam da fase de palavras isoladas ou de frases muito curtas e comecem usar um discurso mais longo, com narrativas, descrições e argumentações mais fluentes.

Os marcadores nas falas dos imigrantes chineses são interessantes, pois mostram um comportamento distinto. Sua diversidade de uso também revela a existência de funções diferenciais, o que equivale dizer que os falantes com mais proficiência usam mais marcadores com função de organizar ou articular o texto, mas não somente. Eles também são empregados para reformular ou até codificar traços de polidez. Já os falantes com baixa fluência diversificam menos e, quando empregam o marcador mais básico (*né*), o fazem para monitorar, via interação, a compreensão do interlocutor.

## 9. Conclusão

Com o desenvolvimento da comunicação e da sociedade, movimentos migratórios foram se tornando cada vez mais dinâmicos no palco mundial, as pessoas saíram de um país para procurar o melhor emprego ou melhores oportunidades de vida em outro país. Os chineses, especialmente os de litoral, já têm costume de emigrar, mas as políticas migratórias relativamente livres e o desenvolvimento acelerado do país, tornaram o Brasil um dos destinos mais populares para os chineses.

Embora a história da imigração para o Brasil esteja fazendo 200 anos, o grande fluxo da imigração chinesa só começou a partir dos anos 50 do século passado, especialmente depois de lançar a política de reforma e abertura que abriu a porta da China para estrangeiros.

Após sair a campo para colher entrevistas de chineses em São Paulo, em alguns aspectos essa diferença pode ser minimizada. Através das entrevistas com os imigrantes chineses com faixa de idade de 20 até 50 anos, foi possível perceber que, embora haja várias diferenças culturais, esses indivíduos estão tentando integrar-se na comunidade e na sociedade paulistana. Uma evidência disso é o grande número de chineses que aprendeu português ativamente depois de chegar ao Brasil. Adicionalmente, possuem a vantagem de poder aproveitar a relação entre os dois países para se estabelecerem em São Paulo.

Nas falas dos imigrantes chineses, há algumas características em comum: absorvem e fazem uso rapidamente das palavras populares dos brasileiros, no entanto, por causa da grande influência da língua materna, neste caso, língua chinesa, percebe-se um uso acentuado de frases com estruturas mais simples, ao lado da dificuldade em conjugar os verbos, flexionar os plurais, os gêneros e usar os artigos.

## Referências

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995, pp.1-38.

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. **Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil**. Montevideo: Programa de Población. Faculdade de Ciencia Sociais de Universidade de La Republica/Ediciones Trilee.1995. p.78-87.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Censo 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>> Acesso em 6 fevereiro 2012.

Embaixada da República Popular da China no Brasil. Disponível em: <<http://br.china-embassy.org/chn/>>. Acesso em 26 de agosto de 2014.

FISHMAN, J. A. Language Loyalty in the United States. The Hague: Mouton-1988. English only: its ghosts, its myths, and danger's. **Internacional Journal of the Sociology of Language** 74, 1966, pp.125-140.

ILARI, R., GERALDI, J.W. **Semântica**. 2ed. São Paulo, Ática, 1985.

LOPES, C. M. S. **Direito de Imigração**: O estatuto do Estrangeiro em uma perspectiva de direito humanos. Porto Alegre: Núria Fabris Ed. 2009, pp.31-67.

MACEDO, A. T. de ; RONCARATI, C. ; MOLLICA, M. C. (org). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAGALHÃES, V. **O Brasil no Sul da Flórida**. São Paulo: letra e Voz, 2011.

PATARRA, N. L. ; BAENINGER, R. **Migrações internacionais recentes**: o caso do Brasil. Montevideo: Programa de Población. Faculdade de Ciencia Sociais de Universidade de La Republica/Ediciones Trilee.1995. p.78-87.

SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez Editora Ltda, 1995, pp.13-43.

SAYAD, A. **A imigração – ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SHYU, D. J. J. **Padrões de linguagem nos imigrantes chineses-Diaglossia**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur2/david.htm>>. Acesso em 14 de dezembro de 2014.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. **Falares crioulos**: Línguas em contato. São Paulo: Ática. Série Fundamentos, 1987.

TILLY, C. Transplanted networks. In: McLAUGHLIN, Virginia Yans. **Immigration Reconsidered. History, sociology, and politics**. New York: Oxford University Press. 1990, pp. 79-96.

TODARO, M. P. A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos. In: MOURA, H. A. (org.), **Migração Interna**: textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, pp. 145-172.

Artigo recebido em: 24.04.2014

Artigo aprovado em: 28.08.2014